

VIOLÊNCIA URBANA, CLASSE SOCIAL E MÍDIA: UM ESTUDO SOBRE UMA NOTÍCIA DA EDITORIA DE SEGURANÇA DO JORNAL AGORA

ANDERSON DIAS SILVEIRA¹;
GUILHERME CARVALHO DA ROSA (orientador)²

Universidade Federal de Pelotas – andersondiassilveira@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas – guilhermecarvalhodarosa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A violência urbana a partir da leitura da mídia e seus cruzamentos com as classes sociais constituem o objeto amplo da presente pesquisa. O estudo destes fenômenos sociais é entendido, nesta investigação, como algo de relevância para a pesquisa em comunicação relacionada ao jornalismo. Ou seja, a busca de compreensão da construção social desses acontecimentos midiatisados é importante para pensar a produção de sentido da atividade jornalística. De maneira mais específica, o presente artigo, que integra uma pesquisa em andamento vinculada ao Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPEL, aborda o cruzamento de alguns enquadramentos teóricos relacionados à classe social com um texto jornalístico da editoria de segurança do Jornal Agora.

Diariamente a violência urbana é retratada nos jornais de todo o Brasil. O caráter recorrente desse fenômeno social, tão comum nos países periféricos, demonstra a necessidade de estudos a este respeito, seja relacionado à comunicação ou a outras áreas do conhecimento, como as ciências sociais. Dentro da definição específica da investigação, o estudo recorta em uma notícia publicada na página da editoria de segurança do periódico da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. A pesquisa tem como localização inicial, dentro do fluxo de comunicação, o circuito da cultura definido por Richard Johnson (1999) com recorte no elemento elencado acima.

Em uma breve investigação, não foi encontrado nenhum estudo com a mesma temática relacionada a cidade de Rio Grande/RS ou ao Jornal Agora. Essa ausência de trabalhos demonstra a necessidade de estudos relacionados à cidade e ao seu principal jornal, pois o esforço em descobrir como se dá a interação entre violência urbana, mídia e seus atravessamentos com as classes sociais podem ajudar a pensar o cruzamento entre a comunicação e o social no contexto de Rio Grande.

O Jornal Agora tem características particulares. Dentre elas, a falta de complexidade em seu projeto editorial, definido em seu website como “a integração da comunidade, com informação precisa, responsável e imparcial”¹. No âmbito desta pesquisa, é possível, à primeira vista, observar a ausência de disposições sobre o tema da violência neste âmbito editorial. Com quase 40 anos de história, o jornal tem aproximadamente 4.300 assinantes e tiragem diária de 4.900 exemplares, com uma abrangência midiática da própria cidade e de pequenas regiões vizinhas. O Jornal Agora conta com seis cadernos especiais publicados um por dia de segunda à sábado. Ao total, são oito editorias, sendo elas: Segurança, Esporte, Geral, País, Mundo, Social, Opinião e São José do Norte.

¹ Disponível em http://jornalagora.com.br/site/content/o_jornal/index.php. Acesso em 21/06/2015.

CLASSE SOCIAL E CIRCUITO DA CULTURA

No pensamento de Jessé de Souza (2012) se encontra o enquadramento teórico norteador do presente estudo: o conceito de classe social no contexto brasileiro. Para alcançar este enquadramento, é preciso compreender que não é apenas no campo material e econômico que se encontram as definições da classe social. Elas, principalmente, são estruturadas por disposições de ordem imaterial e simbólica. A classe social é, também, toda uma complexa cadeia subliminar e subconsciente de capacidades e acessos distintos aos bens culturais e sociais que não são, exclusivamente, determinados pela renda. Souza vale-se da noção de *habitus* de Pierre Bourdieu para explicar a ideia de classe social por um viés simbólico. Nesta perspectiva, define-se esta categoria por meio de um conjunto disposições avaliativas e valorativas do sujeito em relação a vários aspectos da vida e do cotidiano. São significações pré-reflexivas do mundo e sobre o mundo que existem sem que haja escolha por essas posições. Ou seja, são esquemas de julgamento que parecem ser naturais, mas são construídos socialmente desde a tenra infância.

Para analisar esse objeto, além de Souza, destacamos a referência de autores identificados com os estudos culturais. A tradição britânica destes estudos ecoa no pensamento de Richard Johnson (1999). Ele destaca premissas baseadas no marxismo, partindo de seu entendimento no livro *O que é, afinal, Estudos Culturais*.

A possibilidade aberta por Johnson permite uma abordagem mais ampla dos processos de comunicação uma vez que considera uma estrutura mais geral e concede sua divisão. Os momentos distintos – produção, circulação, consumo – e os elementos – produtores, textos, receptores – são considerados nessa perspectiva. Para Ana Carolina Escosteguy, os momentos e elementos do circuito “estão articulados entre si, devem ser registrados e analisados um em relação ao outro, sendo que cada momento é necessário para o todo, mas nenhum antecede o próximo” (2007, p. 119). Nesse sentido, será entendido que o processo comunicativo se faz das condições de produção, das formas dos textos, das condições de leituras e das culturas vividas.

As condições de produção sofrem a influência dos usos sociais e da organização da cultura. A instituição onde é produzida essa “mercadoria” é atravessada pelo meio social que pauta suas práticas, ou seja, uma articulação entre culturas vividas e rotinas de produção. Escosteguy observa que “situados no texto observa-se um tratamento das formas simbólicas de modo abstrato, pois a atenção reside nos mecanismos pelos quais os significados são produzidos” (2007, p. 121). O texto ou o produto midiático é o resultado de uma formalização de aspectos simbólicos e discursivos. A recepção do texto ou a leitura são os espaços de produção de sentido. Nesse momento de consumo estão as condições de leitura, em certa parte, influenciados por práticas sociais. Todo o processo, seja na produção ou na leitura, é pautado pela existência das culturas vividas ou o meio social. Neste resumo, como uma etapa da pesquisa em andamento, apenas o elemento texto será considerado.

2. METODOLOGIA

O método de análise consiste no cruzamento do quadro teórico apresentado acima e suas identificações com a matéria da página de segurança escolhida.

A NOTÍCIA

A notícia em análise foi vinculada pelo Jornal Agora no dia 26 de maio de 2015, terça-feira. A matéria foi publicada na editoria de segurança do periódico, na página 10. A notícia faz referência a uma operação do 6º Batalhão de Polícia Militar ocorrida na sexta-feira, 22 de maio, em uma região central de Rio Grande com poucas moradias. Próximos ao local, chamado Rincão da Cebola, existem dois hospitais, um deles a menos de 30 metros de distância e um edifício de dez andares, aproximadamente, a 100 metros de distância do fato noticiado. A escolha dessa matéria se deu por um possível conflito no uso do espaço urbano e sua possibilidade de ser atravessada pelas disposições de classe social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Jesús Martín-Barbero (2004) quando discorre sobre a fenomenologia da experiência no espaço urbano, explica que existem narrativas, e não uma narrativa, sensibilidades, e não uma sensibilidade, sobre a experiência de vida na cidade. No presente caso, nota-se a possibilidade de que a notícia contempla um foco apenas. Este foco, possivelmente de ordem pré-reflexiva, indica um público com uma experiência do espaço urbano semelhante à origem do texto. É possível observar essa questão no trecho do texto onde diz que “a comunidade vinha reclamando da existência de grande aglomeração de pessoas e, com isso, a ocorrência do sossego público”. Neste ponto, sobre qual comunidade se refere o texto? Pode-se, no que se define por classe social, associar a “comunidade” a partir de uma experiência pertencente a um *habitus* específico. Ou seja, a única comunidade de que trata a notícia é a que se coloca a partir da pré-reflexão do próprio jornalista. Salienta-se que não há nenhuma menção ao hospital ou as pessoas hospitalizadas. Também não consta no texto jornalístico o ponto de vista de nenhuma das 294 pessoas abordadas na operação policial.

Em um primeiro olhar e de modo genérico, a partir da localização no espaço urbano, é possível dizer que os moradores existentes na região são de classe média. O edifício situado da localidade tem portaria 24 horas, protegido com cercas elétricas, muros de mais de dois metros de altura e com vista para a Lagoa dos Patos² e está, aproximadamente, a 100 metros de distância do fato noticiado. Na sequência da notícia, há a informação da prisão de três pessoas. Além disso, e de outros dados do texto, em um caráter interpretativo, é possível perceber que tais fatos são consequência de uma operação que visava à tranquilidade. Na legenda da foto do texto jornalístico há a informação de que a “operação foi para restabelecer a tranquilidade do local”. É possível interpretar, em uma primeira leitura, que a comunidade que reclamava refere-se, principalmente, a que habita o local. O que é percebido, na leitura da notícia e nesse cruzamento com o quadro teórico, é que nenhuma das mais de duzentas pessoas abordadas pela operação policial foi considerada e identificada como pertencente a comunidade. Na notícia, no que diz respeito à reclamação da comunidade, de forma secundária, está o uso de drogas por parte das pessoas que perturbavam o sossego.

4. CONCLUSÕES

Como resultado parcial, entende-se que é possível observar o social no texto jornalístico a partir dos conceitos expostos. Martín-Barbero discute em seu

² Laguna que costeia parte da cidade de Rio Grande/RS

texto que existe uma tentativa, mesmo que inconsciente, da pretensão “que os cidadão se encontrem mas que circulem, porque já não os queremos reunidos, mas sim conectados” (2004, p. 289). De certa forma, tal ideia remete a reclamação da comunidade sobre a aglomeração de pessoas em posição mais importante do que a situação dos hospitalizados. Em outras palavras, a aglomeração, o barulho e o uso de drogas incomodam em maior proporção do que sua interferência na recuperação dos doentes no hospital. Se entendermos a comunidade incluindo as pessoas que estavam ou estão no hospital, há uma fato com maior ênfase social. O motivo de não explicitar isso no texto jornalístico é uma questão a ser pensada no decorrer desta investigação, dentre outros fatores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção.** Comunicação, mídia e consumo vol. 4. São Paulo, 2007.

JOHNSON, Richard. “What is cultural studies anyway?”, in STORE, John (org.). What is Cultural Studies? A Reader. Londres: Arnold, 1996, p. 75-114. (Edição brasileira: Silva Tomas Tadeu da (org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999).

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica.** 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2003. p.75-101.

_____. **Transformações da experiência urbana.** In: Ofício de Cartógrafo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.